

O apoio americano foi essencial

por Peter Riddell
do Financial Times

Desde que o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, lançou sua estratégia de redução da dívida dos países do Terceiro Mundo em meados de março, o México foi o primeiro e o mais importante teste de seu sucesso.

Todos os esforços norte-americanos se concentraram em garantir um acordo rápido, não apenas porque o México é o segundo maior devedor, mas também por causa de sua posição geográfica, de vizinho do Sul. As considerações sobre segurança nacional nunca estiveram afastadas.

O governo norte-americano agiu como um incentivador e organizador cada vez mais ativo do acordo — muito embora a maior parte dos fundos adicionais para concretizar esse acordo tenham vindo do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial e do Japão.

Entre princípios de abril e fins de maio, houve um longo período de "posicionamento" — como disse David Mulford, subsecretário do Tesouro para assuntos internacionais — entre o México e seus bancos credores comerciais. Esse foi o período em que se elaboraram os detalhes a respeito dos cruciais recursos extras do FMI e do Banco Mundial.

MEDIÇÃO DOS EUA

As negociações sérias começaram apenas de princípios a meados de junho, quando a estrutura da

redução da dívida e do serviço da dívida se tornou mais clara. A medida que as conversações se tornavam mais prolongadas, ia desaparecendo a simulada pretensão do Tesouro de não interferir no assunto. Tanto em público, nos depoimentos perante o Congresso, quanto em particular, em prolongadas discussões com os bancos, Brady e Mulford insistiam para que o México e, depois, especialmente, os bancos, fossem razoáveis e realistas.

Brady dedicou cada vez mais tempo à questão mexicana, conversando com ambos os lados. À medida que os mexicanos se afastavam de sua posição original de exigir um desconto de 55% sobre sua dívida e que os bancos se afastavam de sua oferta inicial de 15% para a proposta final de 35% aumentavam as esperanças de que poderia ser anunciado um acordo antes ou durante a reunião anual de cúpula econômica dos sete principais países industrializados em Paris.

Contudo, embora tivesse sido resolvido o problema do tamanho do desconto, restavam ainda algumas questões secundárias e difíceis, cuja solução parecia impossível.

Consequentemente, por iniciativa de Brady, decidiu-se transferir de Nova York para Washington as conversações entre todas as partes envolvidas. A norma foi então a de continuar as conversações até chegar a uma solução. As discussões começaram

nó sábado pela manhã, continuaram até a uma hora da madrugada de domingo e se encerraram na noite desse dia. Participaram das conversações os presidentes dos principais bancos, inclusive John Reed, do Citicorp, a equipe financeira mexicana e representantes tanto do Tesouro quanto do Federal Reserve, entre os quais Brady e Alan Greenspan, o "chairman" do Fed.

IMPASSE SUPERADO

Duas séries de questões importantes foram resolvidas no final da semana. A primeira referente às cláusulas chamadas de "recaptação", que garantem mais pagamentos para os bancos, se aumentar a receita do México por conta do petróleo. A segunda relativa a importantes problemas mecânicos de sincronização entre o início dos acordos com bancos, em janeiro próximo, com a concessão gradual dos recursos extras de US\$ 7 bilhões do FMI, do Banco Mundial, do Japão e do México para a redução da dívida e do serviço da dívida.

Essas dificuldades foram superadas e foram acertados os detalhes sobre um empréstimo-ponte de US\$ 2

bilhões para cobrir as necessidades provisórias de financiamento do México durante o restante deste ano, enquanto são reunidos os documentos do acordo.

O presidente Carlos Salinas de Gortari congratulou-se com o acordo, qualificando-o de triunfo histórico: a redução da dívida é a peça central de sua política.

Os Estados Unidos naturalmente ficaram satisfeitos tanto pelo que estão fazendo pelo México quanto pelo que isso significa para as futuras negociações sobre a dívida. Um alto funcionário do Tesouro disse ontem que a combinação de dinheiro novo e de redução da dívida e do serviço da dívida produzirá "uma redução realmente considerável da dívida em três anos, em contraste com o que vinha acontecendo até agora com um pacote consistente exclusivamente de dinheiro novo".

Os Estados Unidos desejam que acordos semelhantes sejam concluídos em breve com outros países. As negociações deverão acelerar-se. O resultado geral é que foi dado um novo impulso à estratégia de Brady.